

# AMOR, SEXO E DESEJO: identidades homoeróticas masculinas no Cinema

**LOVE, SEX AND DESIRE: homoerotic male identities in Cinema**

Kenia Almeida Nunes<sup>49</sup>

## RESUMO

Este projeto tem o objetivo de deixar claro o que se é pretendido pesquisar no trabalho de dissertação do mestrado, onde se deseja estudar sobre a construção da identidade homossexual masculina dentro do Cinema a partir do gênero comédia. Dentre os muitos objetivos que estão expressos no projeto, é necessário deixar nítido que a idéia central dele funda-se na tentativa de elaborar uma reflexão crítica em torno das relações que fundamentam as identidades gays estigmatizadas pelo gênero comédia, o que provoca um questionamento sobre o que pode ser considerado objeto de consumo na sociedade contemporânea. Elaborando assim discussões sobre a construção de identidades a partir da relação com o outro e da relação com o consumo moderno, que está além da simples aquisição de um objeto, passando também a se consumir de forma simbólica, como por exemplo, as identidades que os sujeitos carregam para si como verdades. A identidade sexual que o Cinema vincula através dos filmes aqui pesquisados – *Cruzeiro das Loucas* (2003) e *I Love You Phillip Morris* (2009) –, deixa transparecer produção e afirmação de uma série de pré-noções sobre a vida gay. Fazendo com que muitos dos pré-conceitos que se situa nas relações sociais perdurem por muito mais tempo. Haja visto que esse meio não se interessa em elaborar discussões sobre o tema da sexualidade homossexual, pois o objetivo central das indústrias é a venda de produtos, sejam eles materiais ou simbólicos, em grande escala.

**Palavras-Chaves:** Cinema; Consumo; Identidade; Homossexualidade masculina.

---

<sup>49</sup> Graduada em Ciências Sociais e aluna do mestrado do programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: [keniaanunes@hotmail.com](mailto:keniaanunes@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

O cinema nasce no final do século XIX e início do século XX, a exibição pública no Grand Café em Paris no ano de 1895 marca seu surgimento. A imagem em preto e branco, sem som, mostrava um trem em movimento. Essa primeira imagem foi denominada de impressão da realidade. A palavra cinema vem do grego e significa movimento, imagem em movimento, um dispositivo essencial hoje para a construção e reconstrução de identidades sociais.

O que tem-se hoje como cinema só foi possível graças a invenção do cinematógrafo pelos irmãos Lumière no fim do século XIX. Até a década de 1920 os filmes eram mudos, a era do som tem seu início apenas em 1926 e 1927 quando a Warner Brothers<sup>50</sup> introduziu o sistema de som e lançou o filme “The Jazz Singer”<sup>51</sup>, só então em 1928 com o filme “The Light of New York”, também da Warner, aquele se tornaria o primeiro filme com som totalmente sincronizado. Foi através do uso do som que o cinema se diversificou mais em termos de gênero nascendo assim o musical e a comédia como hoje é conhecida.

A Sétima Arte<sup>52</sup> surge na França com os irmãos Lumière, expande-se pela Europa e chega aos Estados Unidos da América. Com a Primeira Guerra Mundial a indústria de cinema européia foi arrasada e com isso os E.U.A começam a se destacar no mundo do cinema fazendo e importando diversos filmes. A indústria de filmes dos E.U.A era localizada primeiramente em New York, mas posteriormente com a emigração de produtores à costa oeste, um pequeno povoado chamado Hollywoodland, surge o que hoje se tem como a maior indústria de filmes do mundo, Hollywood, juntamente com Bollywood na Índia. Sendo um dos pioneiros de Hollywood David W. Griffith.

---

<sup>50</sup> **Warner Bros. Entertainment.**, também conhecida como **Warner Bros. Pictures** é uma produtora americana de filmes e entretenimento televisivo. Um dos maiores estúdios de cinema da atualidade.

<sup>51</sup> Um musical que pela primeira vez na história do cinema possuía alguns diálogos e cantorias sincronizados a partes totalmente sem som.

<sup>52</sup> Denominação do cinema enquanto arte, através do Manifesto das Sete artes, pelo teórico italiano Ricciotto Canudo em 1911.

O Cinema surge como um espetáculo de massa têm suas crises, mas hoje se consolida novamente, já que houve uma proliferação, cada vez mais crescente, e uma maior facilitação, advinda do mundo moderno<sup>53</sup>, de contato com esta arte, através das salas de cinema, às quais se propagam pelas regiões dos países em graus diferentes, e pelo uso de aparelhos em casa – o DVD. O que marca hoje, de forma imediata, a massificação dos filmes, uma indústria cultural<sup>54</sup>.

O gênero comédia que nasce através da introdução do som, que é bastante difundido por sua fácil compreensão, devido aos seus diálogos pouco confusos e por seus temas que não têm a pretensão de discutir profundamente o cotidiano dos que o assistem. É dentro desse gênero que o tema da construção da identidade homossexual masculina será pesquisado. A comédia foi escolhida devido à sua difusão nas diferentes classes sociais. À vista disso, optou-se por fazer um trabalho analítico e crítico das relações que são demonstradas a partir dos personagens nesse tipo de filme, em acordo com os estereótipos que esses personagens representam e reafirmam para a sociedade que o assiste, determinadas identidades abjetas dos sujeitos gays. Assim como pensar sobre o consumo. De que forma o consumo está contemplado nesse espaço de trocas? Haja vista que nas sociedades modernas o consumo não se restringe mais a aquisição de coisas, de objetos, mas também a conquista de bens simbólicos<sup>55</sup>, aqui percebidos através do recebimento ou da incorporação de idéias, advindas do cinema, sobre as identidades sexuais.

---

<sup>53</sup> A modernidade refere-se ao “estilo e costume de vida, culminando em uma forma de organização social que emergiu na Europa, a partir do século XVIII, e que se torna mundial em sua influência” (GIDDENS, 1991, p. 11).

<sup>54</sup> O termo *indústria cultural* - que serviu de substituto para *cultura de massas* - foi criado pelos principais pensadores da Escola de Frankfurt: Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, ambos alemães. De acordo com estes teóricos a cultura industrial é fabricada de acordo com o mercado. Eles analisam a produção e a função da [cultura no capitalismo em A dialética do esclarecimento de 1947](#). Os autores criaram o conceito de *Indústria Cultural* para definir a conversão da cultura em mercadoria. O conceito não se refere aos veículos (televisão, jornais, rádio...), mas ao uso dessas tecnologias por parte da classe dominante, para disseminação de suas idéias conformistas e controle da população. A produção cultural e intelectual passa a ser guiada pela possibilidade de consumo mercadológico com a mais abrangente face capitalista.

<sup>55</sup> Sobre bens simbólicos ver BOURDIEU, P. Permanências e mudança. In: **A dominação masculina**. 3 edição - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

Os filmes pré-selecionados formam, dentro do gênero comédia, O cruzeiro das Loucas e I Love You Phillip Morris, ambos trazem a tona idéias do que é ser gay, embora estejam em contextos e situações diferentes. O primeiro elabora um homossexual masculino a partir de dois personagens heterossexuais que decidem se divertir e acabam entrando em um cruzeiro para gays, toda as falas e expressões corporais se situam na situação de imitar um gay. Já o segundo filme, mas atual, conta a história de um vigarista que é preso e na prisão acaba descobrindo que é gay, toda trama é elaborada em torno da saída do armário do personagem principal, e, conseqüentemente, seu relacionamento com outro homem diante das suas antigas relações heterossexuais.

Destarte, o objetivo do trabalho é fazer uma análise crítica das relações que se dão entre os personagens dos filmes acima mencionados que constroem e/ou reafirmam identidades gays estereotipadas. Não há pretensão de se fazer um trabalho etnográfico do cinema ou dos filmes, embora seja necessário trazer para o corpo do trabalho as falas e as expressões corporais que estão representados na película a fim de assim conseguir analisar o tipo de discurso que perpassa, o enunciado – o filme – e chegando até a atuação dos personagens, os quais muitas vezes expressam para àqueles que o assistem verdades sobre sujeitos que nem sempre correspondem à realidade, o que pode gerar a reafirmação de idéias sobre a sexualidade homossexual como sendo uma doença ou perversão.

## **PROBLEMA**

A expressão do desejo sexual tem se desenvolvido ao longo de muitos anos, sendo então nomeado e conhecido de acordo com cada época e cada cultura em que se encontra submerso, através de uma série de saberes. Hoje, na sociedade moderna Ocidental, expressar o desejo por pessoas do mesmo sexo desemboca em muitas lutas e movimentos organizados ou se encerra no recôndito, devido à penetrante visão, reprovação e, conseqüentemente, repressão do outro sobre sujeitos que foram construídos historicamente como

desajustados a ordem social reinante, saudável e verdadeira: a heterossexualidade.

A homossexualidade, seja ela masculina ou feminina, como hoje é concebida tem sua origem no final do século XIX, quando por uma vontade de saber e de verdade de alguns segmentos da sociedade Ocidental (medicina e psiquiatria) houve a classificação, esquadrinhamento e nomeação de todas as coisas que formavam a sociedade, inclusive as práticas dos sujeitos, com o intuito de diagnosticar determinadas práticas sexuais que fugiam as normas.

O sexo ao longo de todo o século XIX, parece inscrever-se em dois registros de saber distintos: uma biologia da reprodução desenvolvida continuamente segundo uma normatividade científica geral, e uma medicina do sexo obediente a regras de origens inteiramente diversas (FOUCAULT, 1998, p. 54).

Embora o tempo tenha passado e o século seja outro as coisas não mudaram muito, hoje na vida moderna se tem quase uma obsessão de determinados cientistas (psicólogos, psiquiatras, neurocientistas) em querer encontrar fatores biológicos e psíquicos que pré-determinam a sexualidade. A sexualidade que é considerada por alguns estudiosos da área de humanas como uma prática social do erotismo, passa a ser investigada como uma substância que é encontrada no ser e que o determina como portador de uma sexualidade heterossexual ou homossexual (SOUSA FILHO, 2007).

Mas, nem sempre as coisas foram assim, por exemplo, na Grécia Antiga as relações sexuais não seguiam as distinções que se tem hoje na contemporaneidade, haja vista, que se buscava o amor sem classificações tão arreadas como é a classificação identitária da homossexualidade e da heterossexualidade. Ora, a homossexualidade é tão construída quanto à heterossexualidade, logo não há uma essência que torna um natural e aceitável aos padrões sociais e outro desviante que foge a esses padrões e que, por isso necessita de correção. Como afirma Peter Fry, “Desejos homossexuais são socialmente produzidos como são também produzidos desejos heterossexuais” (FRY, 1991, p. 16).

E essas identidades que carregamos socialmente são produzidas e reproduzidas por uma gama de instituições como a família, a religião, a escola,

a mídia dentre outros mecanismos sociais. A reprodução das identidades que aqui serão estudadas foram construídas e reconstruídas a partir do cinema enquanto arte para todos. Dessa forma, pode se afirmar que as identidades são organizadas em meio a Literatura, a poesia, a música, o cinema.

Há pouco eu evocava um estudo possível: o das interdições que atingem o discurso da sexualidade. Seria difícil e abstrato, em todo caso, empreender esse estudo sem analisar ao mesmo tempo os conjuntos dos discursos, literários, religiosos ou éticos, biológicos e médicos, jurídicos igualmente, nos quais se trata da sexualidade, nos quais esta se acha nomeada, descrita, metaforizada, explicada, julgada (FOUCAULT, 2007, p.67).

Sobre a construção de um trabalho antropológico afirma Geertz:

Nem sempre os antropólogos tem plena consciência desse fato: que embora a cultura exista no posto comercial, no forte da colina ou no pastoreiro de carneiros, a antropologia existe no livro, no artigo, na conferência, na exposição do museu, ou, como ocorre hoje, nos filmes (GEERTZ, 1978, p. 26).

Assim torna-se perceptível, que o cinema assim como as tantas outras formas de expressão artísticas dos sujeitos são formas válidas de campo analítico, reflexivo e crítico, pois são enunciados por onde passam os discursos até que estes cheguem aos indivíduos. Dessa maneira, o campo do cinema produz e reproduz uma série de identidades, dentre às quais a identidade gay aqui pesquisada. Esta vista sobre o prisma da identidade abjeta e, logo, estereotipada. A partir da delimitação da identidade gay e no campo do cinema, surge a primeira questão problema. Por que para nos relacionarmos ou lidarmos com a diferença tentamos encerrá-las em estereótipos ou pré-noções? Assim, o trabalho não ficará somente na análise das relações, mas também em torno do consumo na contemporaneidade. Consumo de imagens fornecidas pelas indústrias, aqui nomeada por cinema. Emerge assim as

seguintes questões: De que forma se dão as relações de consumo no campo do cinema? Que tipo de consumo é vinculado? Quais as idéias que o campo do cinema em conjunto com o consumo produzem? Para quê e para quem são destinadas essas idéias propagadas pela mídia? De que forma o mercado age em relação ao nicho mercadológico do público gay? Dentre outras questões.

## JUSTIFICATIVA

Embora o tema da construção de identidades seja freqüentemente estudado dentro e fora da academia, acredito que haja relevância na realização desta pesquisa, pois a escolha do campo possibilita a verificação, de que há formas diversas de se pensar, questionar e criticar modelos essenciais, os quais rondam a sexualidade. Assim como, também se pode perceber o lugar da imagem na sociedade contemporânea Ocidental. Imagem esta produzida através da aglutinação de indústrias, interesses econômicos, disputas de poder e prestígio, sentimentos coletivos dentre outros, em torno do cinema. Afinal, o cinema é um dos principais dispositivos de construção e afirmação de “representações coletivas”, dando àqueles que o consomem uma referência na construção de identidades pessoais, induzindo “estilos de vida” entendendo como quer Bourdieu: “um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, [...]” (BOURDIEU, 1983, p. 83) e formas de contato em torno de temas como a sexualidade, a moda, a saúde.

## OBJETIVOS

### Geral:

- Contribuir para construção do conhecimento sistematizado sobre o tema da construção da identidade homossexual masculina no campo do Cinema, nesse caso, dentro do gênero comédia, com o objetivo principal de relacionar o Cinema e a Sociologia na tentativa de demonstrar como se constrói e reafirma certos estereótipos ou estigmas em torno de uma

vida gay, procurando deixar à vista os efeitos que determinados discursos, médicos e psiquiátricos, perpassam pelo campo, fazendo com que se propaguem efeitos de verdade sobre a homossexualidade masculina.

### **Específicos:**

- Verificar de que forma os personagens são construídos na trama;
- Investigar os tipos de relações que são mantidas dentro do filme;
- Demonstrar que o campo do Cinema é um **local** de investigação sociológica;
- Analisar as relações que são mantidas e produzidas entre os personagens;
- Verificar as relações de consumo entre o objeto de consumo – filme – e os consumidores – espectadores, reprodutores e produtores de identidades.

### **REFERENCIAL TEÓRICO**

Os papéis sociais que os sujeitos desenvolvem ao longo da vida são forjados socialmente. Portanto, não há nada de natural em determinadas ações desses sujeitos. Mas, para reconhecer a homossexualidade como um comportamento humano construído através de práticas cotidianas, ainda se tem um caminho longo e complexo a ser percorrido, pois só através de práticas refletidas é que se podem deixar de lado certos discursos essencialistas que tomam conta dos comportamentos dos sujeitos, trazendo para si, como se fossem coisas inatas, inscritas nos corpos. Por exemplo, os discursos que colocam o homossexual masculino como um ser "afeminado" e a homossexual feminina como um pessoa " máscula". São esses estereótipos produzidos por uma série de discursos, patologizantes ou biologizantes – já que a homossexualidade não é vista como uma condição social e sim natural – , que surge a necessidade de classificar o desejo do outro a partir de uma verdade

supostamente contida no comportamento heterossexual, o desejo aqui entendido como uma arte erótica que o sujeito elabora em sua relação como o outro. Dessa forma, fica evidente que não são as diferenças anatômicas existentes entre homens e mulheres, que vão esclarecer as questões que envolvem a sexualidade dos sujeitos, pois a sexualidade não é uma condição do ser, e sim uma experiência que pode ora manifestar-se de um modo e outrora manifestar-se de outro modo.

Devemos esclarecer que “orientação sexual” [opção sexual]<sup>56</sup> é uma categoria ou expressão muito usada para designar uma referência identitária e experiência particular em termos da sexualidade de uma determinada pessoa. A orientação sexual de uma pessoa não é também natural ou inata, mas definida e construída através de uma trajetória de vida, o que implica que uma pessoa pode, de algum modo, reorientar seu desejo sexual mais aparente ou explícito (VALLE, 2009, p. 31).

Aprende-se a ser homem e a ser mulher<sup>57</sup>, logo as experiências do desejo, no saber espontâneo, tem uma trajetória simples para sociedade Ocidental<sup>58</sup>. Mas a aplicação do desejo por outro do mesmo sexo é visto pela grande maioria dessa sociedade como uma doença ou perversão, algo que saiu errado no corpo, na mente e na alma desses sujeitos. Embora, os estudos mais contemporâneos mostrem que a homossexualidade é tão construída como a heterossexualidade.

Sobre a homossexualidade afirma Peter Fry:

---

<sup>56</sup> Grifos nossos.

<sup>57</sup> Refere-se ao processo, de socialização, pelo qual todo indivíduo passa após o nascimento, com o objetivo de inculcar ou interiorizar nele as regras, leis e normas que a sociedade em que ele está inserido mantém. A esse respeito ver BERGER, P. A sociedade como realidade subjetiva. In: **A construção social da realidade**. Petrópolis. ed. 14, 1985.

<sup>58</sup> O é perceptível no senso comum é que o homem está para a mulher assim como a mulher está para o homem, mesmo que esteja contido nessas falas a idéia de uma heterossexualidade construída. Mas não está contemplado nessas falas a idéia de construção da homossexualidade, seja masculina ou feminina, o que é pronunciado são as reproduções de falas construídas em torno da biologização e patologização das práticas que não se situam dentro da heterossexualidade. Portanto, a heterossexualidade é construída, mas a homossexualidade é um desvio ou uma doença.

[...] não há nenhuma verdade absoluta sobre o que é a homossexualidade e que as idéias e as práticas a ele associados são produzidas historicamente no interior de sociedades concretas e que são intimamente relacionadas com o todo destas sociedades (FRY, 1991, p. 10).

Sobre o processo de socialização diz-nos Peter Berger:

A humanização é variável em sentido sócio-cultural. Em outras palavras, não existe natureza humana no sentido de um substrato biologicamente fixo [...]. Embora seja possível dizer que o homem tem uma natureza, é mais significativo dizer que o homem constrói a sua própria natureza, ou, mais simplesmente, que o homem se produz a si próprio (BERGER, 1985, p. 72).

À vista disso, é necessário salientar que a sexualidade é construída socialmente e culturalmente, em todas as suas variações, logo a homossexualidade não sofre de nenhuma condição particular para assim ser. A homossexualidade é uma expressão ou experiência do desejo por pessoas do mesmo sexo. Nesse caso,

A sexualidade precisa ser entendida como uma das esferas abertas da vida pessoal, passíveis de experimentação e mudança de acordo com as possibilidades que toda pessoa têm nos contextos sociais e culturais onde ela vive e atua. Por isso, devemos entender outra vez a sexualidade em termos plurais (OCTAVIANO VALLE, 2009, p.32).

A sexualidade não é uma experiência única dada a seres com corpos distintos, uma inscrição sobre estes como um dado inato, natural. Embora, essas afirmações ainda se apresentem através de algumas instituições, por exemplo, religiosa, médica, a tendência é que elas desapareçam por completo das mentes dos indivíduos para que assim se possa falar sobre o desejo sem muitos embaraços promovidos por instituições. Mas, essa idéia antiga, que ainda é vivenciada por alguns segmentos da sociedade, é repensada e

entendida de uma forma mais complexa, haja vista, que a sexualidade é construída e tem múltiplas formas de se desenvolver nos sujeitos, por isso não há uma forma de sexualidade única, verdadeira e boa para todos, e sim maneiras de expressões do desejo através das formas de sexualidades que estão nomeadas ou não em um campo de saber. À vista disso, é sabido que dentro de uma mesma nomenclatura, ou seja, no interior da homossexualidade ou da heterossexualidade há diversas formas de expressão ou de experiência do desejo.

## METODOLOGIA

A tarefa de tentar pesquisar a construção da identidade homossexual masculina a partir da idéia de abjeto e, logo, estereótipos no cinema, exige, nesse caso, um trabalho teórico-empírico. À vista disso, o campo analisado se inscreve em uma vertente cômica – comédia - , tendo em sua base todo um aparato teórico sobre o campo e o tema pesquisado, para que assim nasçam reflexões e questionamentos acerca do que aqui está proposto como objetivo atingível.

Para o desenvolvimento desse trabalho será necessário formular algumas reflexões sobre o campo e o tema analisado a partir de livros e teorias desenvolvidos por autores da Sociologia, da Antropologia e do Cinema. Visto que, só assim se terá como analisar as relações que os personagens efetuam na trama, assim como das relações entre objeto de consumo – filme<sup>59</sup> - e consumidor. O trabalho se centrará na análise de discurso<sup>60</sup> das falas – texto

---

<sup>59</sup> Nesse caso, filme não se resume ao objeto que se pode comprar – em forma de DVD ou na ida ao cinema - mas sim tudo o que hoje na modernidade se propõe como algo a ser consumido, portanto aqui o que se consome são idéias sobre determinadas práticas sociais – a sexualidade -, que são propagadas pela indústria do cinema, nesse caso um consumo simbólico.

<sup>60</sup> Sobre análise de discurso ver FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, 2006.

falado - e das expressões corporais dos personagens que compõem a trama cinematográfica.

Sobre o discurso diz-nos o historiador e filósofo Michel Foucault:

[...] o discurso nada mais é do que um jogo, de escrita, no primeiro caso, de leitura, no segundo caso, de troca, no terceiro caso, e essa troca, essa leitura e essa escritura jamais põem em jogo senão os signos. O discurso se anula, assim, em sua realidade, inscrevendo-se na ordem do significante (FOUCAULT, 2007, p. 49).

Logo, o discurso não se esconde, ele é o que se propõe a ser, pois é uma prática social de regulação, que perpassa vários campos e instituições com o objetivo de agir e se reproduzir através dos sujeitos sociais em uma vida de afirmação, ou seja, o discurso é algo positivo para aqueles que vivem sob seu poder.

O gênero comédia foi escolhido, porque ele representa um segmento do cinema popular (Hollywood), consegue chegar a todos com seus diálogos de fácil compreensão, e também por trazer, na maioria das vezes sem pretensão, de forma lúdica e chocante as discussões sobre a sexualidade, principalmente masculina, através da propagação de certos estigmas relegados aos sujeitos gays. E pelo fato de na contemporaneidade se estar sempre em movimento nunca aqui ou ali, o que deixa os sujeitos, de certa forma, acomodados, faz com que não haja um pensamento reflexivo sobre práticas cotidianas que, na maioria das vezes, se encerram em pré-conceitos ou idéias pré-concebidas sobre o outro e suas práticas. Dessa forma, esse trabalho tentará captar falas e expressões corporais de personagens de dois filmes de Hollywood, *Cruzeiros das Loucas*<sup>61</sup> de 2003 e *I Love You Phillip Morris*<sup>62</sup> de 2009. Ambos são filmes

---

<sup>61</sup> Nesta comédia, o ator Cuba Goodwin Jr protagoniza Jerry, que se envolve em uma viagem bastante louca, cheia de alegria e regrada a festas. Tudo começa com o rompimento do seu noivado com a jovem Felícia e por iniciativa de seu amigo Nick (Horatio Sanz), acabam embarcando em um cruzeiro gay. Eles têm que aprender a lidar com a situação e acabam se passando por gays, e vivem uma viagem repleta de encontros e desencontros forçados pela necessidade de se ter uma sexualidade certa. Esse filme foi lançado em 2003, teve a direção de Mort Nathan, duração de 93 minutos.

<sup>62</sup> *I Love You Phillip Morris* conta a história de dois homens de negócio que são presos por

que trazem a tona expressões tanto faladas como corporais sobre os homossexuais masculinos. A identidade vinculada por esses filmes têm o objetivo de passar uma imagem do gay como uma eterna **bicha saltitante**, visto sempre de forma diferenciada dos outros personagens. Os gays, nesse tipo de filme, são sempre os coadjuvantes, nunca o mocinho ou o vilão. Seu objetivo é divertir e assim mascarar e encerrar a homossexualidade como algo, muitas vezes, inexistente, pois o que é feito ou dito não se assemelha ao que se tem na realidade. Dessa forma, as risadas sem reflexão<sup>63</sup>, sobre esses filmes tão cotados pela indústria do cinema, produzem e reafirmam identidades estereotipadas sobre os homossexuais, tanto masculinos como femininos. Não é nos filmes trágicos que encontramos essas identidades, mas sim em filmes de linha mais popular, feito para todos. Nesses filmes, os quais não se discutem porque são **pobres**, ou seja, pouco intelectualizados, é onde se encontram as afirmações e reafirmações de identidades sexuais fixas e tidas como verdadeiras, são dessas películas que, muitas vezes, se constroem visões tidas como **certas** sobre o que é a homossexualidade. Esta vista, na maioria das vezes, com expressões exageradas, falada e corporalmente, que por um lado, choca, mas, por outro, não produz um novo jeito de pensar e agir.

Sobre a produção de identidades na pós-modernidade diz-nos Stuart Hall:

[...] a época moderna fez surgir uma forma nova e decisiva de individualismo, no centro do qual erigiu-se uma nova concepção de sujeito individual e sua identidade (HALL, 2000, p. 25).

---

motivos diferentes. Na prisão, ambos se apaixonam. A partir desse entrelaçamento, o que se tem é uma comédia com caras e bocas de Jim Carrey, que contracena com Ewan McGregor. Esse filme foi lançado em 2010, teve a direção de Glenn Ficarra e John Requa.

<sup>63</sup> Nesse caso é necessário deixar claro que não é preciso haver um policiamento contínuo de tudo o que se faz, mas sim um pensamento refletido sobre o que lhe é dado, pois só assim haverá mudanças significativas na vida, ou seja, a risada não significa o mal, como era dito na Idade Média, mas a não reflexão sobre o que ela produz na sociedade o é.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente (HALL, 2000, p. 12).

Essa concepção de indivíduo moderno surgiu a partir de vários movimentos e pensamentos presentes na cultura ocidental, como a Reforma Protestante que libera a consciência individual das instituições religiosas; o Humanismo Renascentista que colocou o homem como centro do universo; as revoluções científicas, que conferem ao homem as capacidades para inquirir, investigar e decifrar os mistérios da natureza; o Iluminismo que forma a imagem do homem racional. O deslocamento do sujeito moderno ocorreu através de uma série de rupturas que se desenvolveu nos discursos do conhecimento moderno.

Dessa forma, o indivíduo passa a condição de sujeito de ação, aquele que tem o poder de provocar mudanças na sua condição existente e pré-determinada. Pois, mesmo havendo um campo e *habitus*<sup>64</sup> para os sujeitos e, na relação entre o campo e o *habitus* estejam às esperanças ou expectativas constitutivas do sujeito, há as fissuras nas estruturas sociais que geradas a partir do questionamento dos sujeitos a elas, podem levar a ruptura e, a formação do novo. E para que isso ocorra é necessário que os sujeitos tenham consciência de si. Um longo e complexo processo que se começa a partir da educação, seja ela familiar ou escolar.

Embora não haja uma fórmula verdadeira sobre ser homossexual, assim como, não há nas outras formas de se experimentar o desejo, pois todos são construídos, mas o que é **certo** é que, na maioria das vezes, a imagem que o cinema, nesse caso pesquisado, vincula sobre os gays é que eles são coisas que estão ali para divertir, como se fossem algo inexistente. Mas, esses sujeitos existem e lutam pelo seu reconhecimento na sociedade longe de estigmas destilados pela mídia.

---

<sup>64</sup> O *habitus* são esquemas de percepção, de avaliação e de ação que exerce um efeito de dominação simbólica em torno das categorias sociais, sejam elas de gênero, etnia, cultura, língua, raça dentre outras.

É válido salientar que ainda falta a leitura de vários trabalhos que ajudaram nas reflexões para construir o que se almeja, como as idéias propostas por Michel Bozon (2004) em **Sociologia da sexualidade**, por Félix Guattari (1986) no livro **Micropolítica: cartografias do desejo**. Assim como de livros e teorias sobre o consumo na modernidade, como **A sociedade de consumo** de Jean Baudrillard (1995). Sobre o Cinema **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais** de C. E. Peixoto (1998) dentre outros que ainda serão pesquisados, para que sirvam de embazamento e ajude a guiar o entendimento do objeto deste trabalho.

## REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual/ Berenice Bento. – Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BERGER, Peter L. **A construção social da realidade**: tratado do conhecimento por Peter L. Berger e Thomas Luckmann; tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 1985.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**/Simone de Beauvoir; tradução de Sérgio Milliet. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 3 edição - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: Ortiz, Renato (Org.), **Coleção Grandes Cientistas Sociais**. n. 39. Ática, São Paulo, 1983.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade/ Judith Butler; tradução, Renato Aguiar. –Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **Historia da sexualidade I**: vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- \_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, 2006.
- \_\_\_\_\_. “O que são as Luzes?”. In: **Arqueologia das ciências e histórias dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro. Forense Universitária, Coleção Ditos & Escritos II, 2000c, p. 335-351.
- \_\_\_\_\_. **O que é um autor?** Portugal. Veja/ Passagens, 1992.
- \_\_\_\_\_. “A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade”. In: **Ética, Sexualidade, Política**. Forense. Universitária, Rio de Janeiro, 2004.
- FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 1991.
- GEERTZ, C. Estar lá: A antropologia e o cenário da escrita. In: **Obras e vidas**: o antropólogo como autor. RJ: ed. UFRJ, 2002.

\_\_\_\_\_. Uma descrição densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIDDENS, A. Gênero e sexualidade. In: **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GIDDENS, A. **As conseqüências da Modernidade**. 1. ed. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**/Anthony Giddens; tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**/ Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 4 ed. – Rio de Janeiro: DP & a, 2000.

OCTAVIANO DO VALLE, Carlos Guilherme. Sexualidade ou sexualidades: como entender?. In: **Diversidade sexual e gênero na escola**/ Alípio de Sousa Filho (Org.). – Natal, RN: Opção Gráfica e Editora, 2009.

SOUZA FILHO, Alípio. A política do conceito: subversiva ou conservadora? – crítica a essencialização do conceito de orientação sexual. In: **Bagoas**: revista de estudos gays/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. –( V.1, n. 1 jul./dez. 2007) - . – Natal: EDUFRN, 2007.